

# 11 DE MARÇO

– contos –



João Paulo Hergesel

# 11 DE MARÇO

– contos –

2.<sup>a</sup> edição



Editora Jogo de Palavras  
• Alumínio, SP •  
2018

Copyright © 2015 by João Paulo Hergesel

*Um agradecimento especial à Editora Palavras,  
que cuidou com carinho da primeira edição deste livro.*

---

H545o

Hergesel, João Paulo.

11 de março / João Paulo Hergesel. – 2. ed. – Alumínio: Jogo de Palavras, 2018. (Coleção Joaninha Platinada).

96 p. | 14 cm x 21 cm

ISBN 978-85-66626-80-3

1. Literatura brasileira. 2. Ficção brasileira. 3. Contos

I. Título.

CDD: B869.93 | CDU: 82-93

---

2.<sup>a</sup> edição

Impresso no Brasil

Todos os direitos desta edição reservados a:



**Editora Jogo de Palavras**

**Alumínio, SP • 2018**

**[www.jogodepalavras.com](http://www.jogodepalavras.com)**

À morte, responsável por tantas  
narrativas curiosas.



Y ya estamos llegando / Mi vida ha cambiado  
Un día especial / Este 11 de marzo.

LA OREJA DE VAN GOGH, **Jueves.**





## Apresentação

O mundo é cruel. Se determinado ser ou situação não se enquadra nos padrões éticos e estéticos impostos pela sociedade, surge a rejeição. Com a Literatura, também é assim: torna-se preciso amordaçar a criatividade para que os críticos aceitem engolir a logorreia vomitada pelo autor. Sim, até para vomitar, a beleza é necessária.

Mas nem tudo que é belo é confortável. Este é justamente o propósito da arte: provocar desconforto. E 11 de março, que dá título a este livro e a um dos contos, não é uma data muito cômoda. Em 2004, por exemplo, ocorreu o atentado da Al-Qaeda no metrô de Madri, o que fez com que essa data fosse declarada Dia Internacional das Vítimas do Terrorismo.

Antes disso, porém, houve outras histórias: em 1302, segundo Shakespeare, Romeu e Julieta se casaram (apenas para morrerem envenenados e não poderem usufruir do amor proibido); em 1818, Mary Shelley fez nascer o Frankstein, criatura monstruosa feita com partes de outros corpos e rechaçada até pelo próprio criador.

Em 1931, as Bíblias foram proibidas na União Soviética; em 1933, um terremoto dizimou dezenas de pessoas em São Francisco; em 2001, uma explosão matou diversos mineiros ucranianos; em 2009, um adolescente, antes de cometer suicídio, foi responsável pelo massacre numa escola do sudoeste da Alemanha.

O papel das narrativas é registrar esses e outros acontecimentos, por mais dolorosos que eles sejam. 11 de março, portanto, reúne contos assim: perturbadores. Contos negligenciados. Contos que, por não respeitarem o aroma primaveril do jardim de borboletas, não puderam sequer concorrer a alguns prêmios literários.

A única instrução válida para apreciar a obra é que o leitor se prepare para sofrer: chorar, orar, sentir dó, dor, dormir e ter pesadelos com textos que não se preocupam com a política do bom cidadão. Mas o sofrimento temporário até vale a pena, já que a vida também é temporária – e, quando menos se espera, todos estão descansando em paz.

## Prefácio

Não era 11 de março quando chegou até mim o convite para prefaciá-la esta coletânea. Depois de se familiarizar com o conteúdo, que você encontrará nas páginas a seguir, entenderá quanto agradeço, quase em genuflexão, aos deuses por isso. Era, sim, fim de dezembro, época em que estava concentrada na modesta, mas não menos criativa, tarefa de experimentar novas receitas de bolos e tortas. Aceitei o convite de meu amigo João Paulo, por mim caligrafado afetuosamente de Jotapê, sentindo um misto de honra e insegurança. Conheço há algum tempo seu trabalho, tanto literário quanto acadêmico e sei quão esmerado ele é com cada sentença, com cada minudência de seus escritos.

Porém, a insegurança dissipara à medida que se dilatou a venturosa leitura. E, dessa forma, ao término de *11 de março*, me senti não mais apenas honrada, mas apta na missão a mim confiada.

Leitura que acontece em uma tarde qualquer, talvez alguns fragmentos nos acompanhem pelo resto da vida. Um olhar mais lecionado poderá identificar a receita do breve

combinado ao intenso tão bem teorizado por Poe; personagens que são a chave para a trama, ou são a própria porta, cuja trama é a chave; uma narrativa que nos conduz, quase que pelas mãos, mas que ao desembocar em traços explosivos nos desfechos, abandonam o leitor em uma reflexiva epifania.

Outros teóricos como Borges e Piglia já mencionavam sobre o poder de um conto abarcar em si duas histórias. Temos, nas narrativas reunidas em *11 de março*, a oportunidade de vislumbrar um diálogo, ora harmônico ora tenso, entre a história 1, que seria aquela que aos olhos do leitor se apresenta desnuda, cognoscível e límpida, com a história 2, cujo teor se esconde em cortinas misteriosas, mas que balançam ao sabor da curiosidade e envolvimento do leitor, e que, aos olhos dos estudiosos latinos, são minuciosamente escolhidas e arquitetada pelo autor.

Ou seria a chamada *Teoria do Iceberg* de Hemingway uma das possíveis análises que fundamentariam o fato de cada conto ter como ponta da geleira (a história explícita) apenas uma parcela ínfima de tudo que o autor tem a nos revelar? Ou seja, todo o bloco submerso contido no velado, no não explícito advém do que poderia ser uma das muitas

facetas da arte, do subconsciente, da alma, da essência do artista?! Urge, talvez, um artigo, um ensaio, uma dissertação para tentar desvendar tais inquietações.

Deixando de lado o discurso técnico, um olhar mais sensível, ou até menos comprometido com o método ou o fazer literário, poderá encontrar nas tramas a seguir muitos sentimentos, um que deveras me acompanharam, como foi registrado acima, foram os questionamentos. Pensava eu, durante a leitura: como pode vida e morte celebrarem em taças diferentes a mesma alma, dividi-la, rasgá-la? Por que somos fiéis e infiéis quanto às decisões que podem nos conduzir a derrotas, fracassos ou ao fim? Quando chega o fim? O que é o fim? E o começo? Quem somos nós quando ainda não sabemos quem somos, muito menos quem são os outros ao nosso redor?

Outros sentimentos, deixarei que você mesmo os perceba: ora sensoriais e intuitivos, ora obrigatórios e intencionais, mas sobretudo inevitáveis. Definitivamente inevitáveis.

Não me alongarei mais. Um pássaro me avisou que prefácios são curtos, e corro o risco de tecer algum *spoiler*. Se você leu até aqui e não se dirigiu ávido aos contos ainda,

faça-o logo. Não se preocupe! Em *11 de março*, você não corre o risco de sair ileso.

**Elizete Rodrigues**

*Professora de Português, mestra em Língua Portuguesa pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP) e amiga do JP.*

11 de março é o 70.º dia do ano no calendário gregoriano (71.º em anos bissextos). É também o título de um dos contos que o leitor encontrará neste livro, espaço em que o autor reuniu alguns de seus textos que, até então, haviam sido negligenciados não só pelos “acadêmicos” como por ele mesmo, afinal, propositalmente, algumas regras literárias foram criativamente transgredidas pelo autor – característica marcante do João Paulo (não a transgressão, mas sim a criatividade, bem como a inquietude e a busca constante pelo caminho menos convencional ou, devo dizer, mais desafiador). Porém, o equívoco da não publicação foi retificado e, agora, todos podem se deliciar e se deixar provocar pela imaginação e pelos sentimentos propostos.

### **Cesar Augusto Cruz**

*Professor de Educação Física, especialista em Psicopedagogia e em Gestão de Marketing e Recursos Humanos, amante de histórias cotidianas e amigo do JP.*





## Sumário

|   |    |
|---|----|
| Tartaruguihas de chocolate .....          | 19 |
| 11 de março .....                         | 29 |
| O menino que brincava com boneca.....     | 35 |
| Bodas de Abóbora.....                     | 43 |
| Desafio 47 .....                          | 47 |
| Rainha má .....                           | 55 |
| Gôndolas no Tietê.....                    | 61 |
| Tumbalacatumba .....                      | 71 |
| Nana, o que é <i>amprotofagia</i> ? ..... | 75 |
| Sufrimento canino .....                   | 85 |
| Expresso do submundo.....                 | 88 |



## Tartaruguinhas de chocolate

A escola pública formou Tatiana contrariadamente. Teria um diploma de Ensino Médio com selo de colégio premiado, se dependesse dela. Mas ela não era independente, e a falta de dinheiro dos pais atrasou esse desejo. A matrícula em uma instituição privada só pôde acontecer na época da faculdade, com ajuda dos programas assistencialistas do governo. Queria Medicina; mas a nota no exame nacional só lhe rendeu vaga para Ciências Biológicas.

A licenciatura graduou Tatiana contrariadamente. Nunca teve um sonho docente, até mesmo porque se conhecia. E não se reconhecia paciente para lecionar. Em desconhecimento àquilo que já não era reconhecido – caso tal adjunto seja passível de interpretação –, agraciou-se com um emprego em colégio particular. Pelo menos, a privatização lhe havia estendido um contrato (nada bem remunerado, dentro do almoxarifado, carimbando outros contratos).

Logo assumiu a substituição das aulas do Fundamental II, quando a educadora titular, em queda motociclística, desligou o tendão do dedo mínimo. No

mínimo, 20 dias de repouso, para recuperar. Talvez um pouco mais de tempo, se considerassem a fisioterapia. Tatiana, entendida de Biologia, já considerava, somente de ouvir a descrição da dor.

Apropriou-se, então, das apostilas e rumou ao nono ano. Nove horas. Nove passos. Nove batidas no coração. E nem gostava tanto assim do nove. Gostava do novembro, mas para o qual ainda – coincidência – faltavam nove meses.

Antes de atravessar a porta, pediu em oração para que o santo protetor dos professores, que nem imaginava qual fosse, enviasse um anjo da guarda. Ou com guarda-pó, giz e apagador. Mesmo antes de chegar no amém, o pedido foi realizado. O aluno com tênis de skatista foi ao encontro dela. Professora Tatiana não reparou tanto no preto mesclado com azul-solar do tênis, mas no tamanho dos pés. Algo meio 42 ou 43. Não muito convencional para alguém de 13 anos.

– Você é que vai ser nossa nova professora?

Um sorriso ainda tímido respondeu que sim.

– Acho que é a mais nova daqui. Até parece aluna!

As bochechas enrubesceram em sinal de “obrigado”. Em comparação ao restante do corpo docente,

de fato estava mais fresca: 21 anos. A franja, o *gloss* e a camiseta da Pucca fortaleciam seu perfil de menina.

Levaram algumas semanas até que o *tour* individual, aluno a aluno, perfil a perfil, curtida a curtida, fosse realizado. Registrou no aneurisma das obrigações o jeito de ser da garota de nariz avantajado. Da de mecha loira. Do de caninos desalinhados. Do de bigodinho já nascendo. Etc. Mas a anatomia que mais lhe atraía era a do garoto de tênis de skate.

– Igor.

– Presente.

...Como se precisasse da lista de chamada para (a)notar essa presença.

O garoto não se enquadrava no estereótipo de cê-dê-efe. Nem no de dorminhoco. Nem nos de solitário, popular, *nerd* ou valentão. Era um personagem nada caricato. Apenas agia com carisma, sendo o último a sair da sala. Ajudava a Professora Tatiana com o material e com a amizade.

– Você vai dar aula à tarde? – perguntou enquanto apagava o quadro, sempre solícito.

– Laboratório – respondeu, mexendo na bolsa.

– Quer ir almoçar comigo?

O pedido a pegou de surpresa. Parecia inocente. Mas ela não sabia o que responder. Procurava na bolsa uma desculpa, dentre os batons, documentos e emoções bagunçados. Encontrou um desfio e o zíper interno emperrado, com algo dentro.

– Tem uma tartaruginha de chocolate branco aqui. Quer?

A mudança de assunto o deixou sem graça. Perceptivelmente. O pensamento de Tatiana pensava se ele havia pensado que ela estava pensando em algo, quando na verdade não havia nada o que se pensar – caso tal envolvimento também seja passível de interpretação.

Ele aceitou a tartaruginha.

– Achei que só existisse uma marca dessas tartarugas – ele tentava disfarçar o constrangimento.

– Essa é caseira. Eu que faço. Quer dizer, não ficam tão gostosas como as de fábrica, mas é uma espécie de passatempo...

– É boa.

Os dentes do garoto já chegavam no rabo da tartaruga, e os pés quase atingiam o corredor, quando Professora Tatiana não conseguiu manter sua desfeita controlada.

– Churrascaria ou *self-service*?

Igor levou alguns décimos de segundo para associar a pergunta dela à primeira pergunta dele. Nos dias em que se seguiram, contudo, não houve mais perguntas. Mesmo quando não havia aula de Biologia, o garoto fazia questão de esperá-la, encostado ao carro dela, na hora do almoço.

Das primeiras vezes, Professora Tatiana temeu que a diretora lhe chamasse a atenção; poderia existir alguma cláusula, na política de ética, que a impedisse de almoçar com alunos. *Que bobeira!*, ela pensou. *Desde quando podem proibir duas pessoas de comerem juntas?*

E dessa forma pulavam de restaurante em restaurante: dia no italiano, dia no japonês, dia no de comida mineira. A sobremesa era sempre preparada pela própria Tatiana.

– Essa é recheada com trufa de morango.

O garoto já levava à boca, quando ela interrompeu.

– Posso ensinar como é que se come?

– Tem regras para comer tartaruguinhas de chocolate?

– Claro que tem! Você começa comendo a cabeça. Passa para as patas e segue até o rabo. Depois, sim, devora o corpinho.

Após a explicação, Tatiana fez um cálculo mental:  $21 - 13 = 8$ . Oito anos a distanciavam de Igor. Seria possível que, em menos de uma década, o ritual de comer tartaruguinhas, coisa básica que aprendeu na infância, já tivesse sido extinto? Ou seria apenas desconhecimento particular do juveníssimo Igor?

– Profe, que você vai fazer neste fim de semana?

– Já disse que pode me chamar de Tati... Fora do colégio, não precisamos manter as formalidades... E não tenho nada programado. Por quê?

– A turma da sala vai fazer um churras na chácara da Helô. Seria legal você aparecer por lá. Vai ter piscina.

O sábado havia acabado de ganhar um compromisso. Não era muito para a agenda. Mas era muito para a cabeça! *Onde já se viu, Tatiana, invadir uma festa de pré-adolescentes, para os quais você dá aula, apenas para agradar um aluno?*

Por mais que o cérebro se esforçasse em encontrar uma resposta, era tarde demais: ela já estava na chácara. A galera, em polvorosa. Ela disse que era só uma passadinha para cumprimentá-los, e logo viu Igor sair da piscina e andar até ela.



Os pés. Aqueles pés, agora sem tênis, totalmente desnudos, revelando cada unha, cada artelho, cada poro da pele da sola. Passo a passo até ela. Pés que já não eram mais de skatista. Pés que eram apenas pés. Lindos pés.

– Igor, quer uma tartaruginha de chocolate? Experimentei fazer com licor de cereja hoje.

– Que legal! E ficou bom?

– Não sei... Quer ir pegar uma no carro para provar?

Ela entrou no carro. Ele ficou em pé, perto da porta, de bermuda e semimolhado, com os pés ainda nus.

– Ei, topa conhecer um lugar que que você nunca viu? – ela propôs, em êxtase.

– Agora?

– É, entra aí.

– Mas não vai molhar? – perguntou, apontando a bermuda.

*Tira!*, o pensamento respondeu.

– Relaxa. Pode entrar – a boca atenuou.

Tati dirigia, mesmo sem saber para onde, com uma figura masculina ao seu lado, exibindo bíceps e mamilos recém-saídos da infância.

– Para onde vamos? – ele quis saber.

– Sei lá. Fale aí um lugar que você não conhece. E vamos conhecer!

Ele pensou no museu do futebol, no shopping recém-inaugurado e na igreja de São Pedro. Porém percebeu que não estava adequadamente trajado para isso. Tati só agia no impulso, com uma voz sombria sussurrando quanto ela estaria encrencada se descobrissem essa aventura meio *Amar, verbo intransitivo*.

– Puxa... Acho que, de todos os lugares que me vieram à cabeça agora... Só não conheci um motel. Tipo, por dentro.

Tati caiu na risada. No fundo, era isso que ela almejava, e tinha consciência disso. Por outro lado, só conseguia pensar na demissão, nos processos, na perda da licença de educadora. E chegou à conclusão de que, *dane-se!*, ela nunca quis ser professora mesmo.

Ela pisou o freio uma esquina antes do motel. Pediu para que Igor descesse do carro e abriu o porta-malas.

– Você cabe aí?

O questionamento foi esquisito, mas a explicação era plausível.

– Como você é menor de idade, não pode entrar. A não ser que seja escondido. Eles nunca revistam o porta-

malas do carro. E do estacionamento ao quarto, a gente dá um jeito de migrar de mansinho.

A resposta oferecida foi o contorcionismo para se acomodar dentro do bagageiro. Tati riu, xingando-se mentalmente de louca, e deu prosseguimento ao plano. Passou pela portaria, estacionou o carro e, com ajuda de uma toalha encontrada no porta-luvas, fez Igor esconder o rosto até chegarem ao 302. Suíte máster.

Os pés de Igor sentiram o carpete, e a sola sorriu, mandando uma gargalhada espontânea para o resto do corpo. Tati fez um olhar de “que foi?”.

– Ah, mano! Nem acredito que tô num motel. E com minha professora de Biologia. Isso é muito melhor que encarar uma pista monstra de skate, saca? Tô numa brisa muito louca. E você? Qual sua sensação?

– Sensação de que tô ferrada, se alguém descobrir.

– Você acha realmente que eu vou contar isso para alguém? Lógico que não! Sempre quis ter segredo com alguém de confiança.

Tati se sentiu segura e protegida. Era o primeiro homem da vida dela que a fez se sentir dessa forma. E ele tinha 13 anos. Sem pelos no peito, nem gogó aparente;

apenas algumas espinhas, resultado do consumo de chocolate.

O garoto disse que precisava ir ao banheiro, mas já voltaria. Tati percebeu que ele não teve preocupação em fechar a porta e procurou disfarçar, xeretando a bolsa, em busca de mais responsabilidade.

– E então...? – o garoto perguntou, sentando-se na cama, ao lado dela.

– Tartaruginha de chocolate?

– Ainda não aprendi como é que se come. Pode me ensinar de novo?

Tatiana, até então, nunca havia se sentido tão Professora.

## 11 de março

Ou ela era pequena demais para o apartamento, ou o espaço precisava ser ocupado por mais uma pessoa. Havia se mudado para Madri há pouco tempo, a trabalho e somente a trabalho, mas o vazio físico refletia no oco sentimental.

A moça no espelho cautelava nos detalhes: desde o brilhoso destaque labial à presilha prateada no castanho-escuro do cabelo. Quando a imagem lhe sorria, Leire sabia que estava pronta para trilhar.

O metrô lhe presenteava nas manhãs com aquele por quem gostaria de ser analisada. Ele, sem embargo, lhe indiferenciava da estação. Pablo era agramatical à estrutura leiriana. Assim, ela apenas o admirava pela transparência vitral até a locomotiva romper a conexão entre olhar e alvo.

O metrô chacoalhava no ritmo acelerado de sua pulsação. Estava amando de olhar. Pensava na gravidade disso e sem titubear caía no maravilhoso da ilusão. A freada brusca a acordava, fazendo-a se lembrar de por que estava em Madri – a trabalho e somente a trabalho – e este pensamento calava os demais.

Descendo na estação de Santa Eugenia, as pernas a levaram até a loja de bolinhos. Enquanto colocava a cereja no chantili, gostava de acreditar que não era vendedora de muffins, mas que se disfarçava disso. Assim, vivia sua alegoria alegórica chamada realidade.

No fim do dia, a vontade de vê-lo começava outra vez, mas era necessário controlá-la até a manhã seguinte. Mesmo assim, girava os olhos em todos os ângulos e se deparava apenas com a solidão.

Clareou um novo dia e, junto, a certeza de que apreciaria novamente o rosto e o resto do homem amado. Desta vez, a surpresa: ele entrou logo depois dela. No vagão, a presença dele preenchia o espaço vago no coração dela.

Sentia-se nervosa, e Pablo mantinha-se sentado bem em frente a ela. Ele parecia distraído, e Leire o acariciava com o olhar. De repente, os olhos dele levantaram e se encontraram com os olhos dela. A emoção fez com que ela abaixasse a cabeça e brincasse com o casaco.

Sobe o zíper, desce o zíper, e o pensamento correspondia ao vaivém: será que ele também está a fim, será que é pura coincidência, será que vivemos de serás? O zíper emperrou, mas Leire sorriu um sorriso apaixonado.

O freio do metrô paralisou os devaneios. Ela colocou a bolsa no ombro direito, se levantou e, com o casaco aberto pela metade (ou fechado pela metade), passou por Pablo num clima de até-logo.

Mais tarde, quando a segunda fornada de muffins ficou pronta, uma surpresa no balcão da confeitaria contribuiu para a dulcificação do momento: Pablo havia ido comprar seu café da manhã.

– Dois de amêndoa e um café com creme de baunilha.

– Ah... Eh... Ih... – A gagueira momentânea de Leire a fazia confirmar o pedido por meio da soletração das vogais.

– Está tudo bem com você?

As mãos de Pablo tocaram as mãos de Leire e os olhos preocupados tentavam acalmá-la. Leire tremia e pensava quão boba estava sendo, mas a expressão facial do moço à sua frente mostrava que ele gostava da bobice.

– Nove e noventa e cinco.

Foi o máximo que ela falou. Pensou novamente no seu objetivo em Madri – a trabalho e somente a trabalho – e trocou as emoções pelos euros. Pablo trocou suas moedas pelas guloseimas e foi embora.

Depois de um dia driblando raciocínios emotivos, como se fosse possível racionalizar a emoção, voltou para o apartamento, onde não conseguiu dormir. Rolava na cama em autoconflito. Olhou a hora no visor do celular: 00h07. Já era 11 de março de 2004.

A impaciência resultou na insônia, que gerou uma manhã de olheiras e mau-humor. Ficaria feliz em se teletransportar para a loja de bolinhos e ficar lá por tempo indeterminado. Não queria sair de casa, não queria ver Pablo novamente, não queria mais entrar no metrô. Mas a vida não é feita de não querer, e Leire precisou se preparar para um complicado dia de trabalho.

A moça no espelho não tinha brilho labial nem presilhas. No lugar do sorriso, apenas a frustração de ter aceitado se mudar para Madri. Se pudesse corrigir os arrependimentos do passado, o primeiro seria o de ter se mudado para aquele apartamento três números maior do que o ideal para ela.

Vestiu-se com uma roupa especial, nunca antes vestida, colocou o casaco cotidiano e desemperrou o zíper para esconder a intimidade vestuária. Balançou o cabelo cacheado e não se preocupou em trancar a porta ao sair.



Na estação de metrô, Pablo a esperava. Trazia as mãos no bolso e, nos braços, a vontade de abraçá-la e sussurrar no ouvido esquerdo quanto havia se apaixonado pela garota dos bolinhos.

No entanto, os lábios intervieram e, furando a fila das outras partes do corpo, estalaram molhados na boca de Leire. O coração sentiu a poesia e ameaçou a parar com a disparada inesperada. Por uma fatia de segundo, Leire conheceu o amor.

O metrô havia chegado à estação, as portas abriram e as pessoas começaram a entrar. Leire sabia que era hora de partir. Empurrou Pablo, e correu para o vagão, antes que o perdesse. Pablo a seguiu, mas levou outro empurrão que o calou na estação.

Pelo vidro, Leire observou que Pablo a observava e uma lágrima escorreu em cada um dos olhos. Leire precisava de coragem para cumprir sua missão – a trabalho e somente a trabalho – e utilizou sua falta de coragem para isso.

A mão direita entrou no casaco e os dedos percorreram o mecanismo de fios e bombas até localizar o botão escondido, a maior intimidade vestuária. O último suspiro resumiu arrependimento, medo e paixão, enquanto

o indicador pressionava o atestado de óbito de centenas de pessoas.

Era uma vez.

## O menino que brincava com boneca

O livro de piadas não trazia nada de novo: continha apenas as clássicas e ultrapassadas piadas de loiras e Joãozinho, as mesmas que os tios solteiros sempre contam no almoço de domingo e obrigam a família inteira a forçar um sorriso. Mesmo assim, o filho insistia em fazer com que o pai respondesse a suas charadas.

– Como a loira faz para matar um peixe?

– Não tenho ideia.

– Ela tenta afogá-lo.

O pai já sabia as respostas, mas fingia surpresa para não decepcionar a ingenuidade de seu primogênito de oito anos. Assim, passavam a tarde congelante de um sábado de dezembro protegidos da chuva e do tédio, que também já havia se tornado um lugar-comum naquela casa canadense.

Quando a esposa planejou as férias e escolheu Stratford como destino, Marcos imaginou que passaria bons momentos naquele pequeno município de Ontário. Sua frustração começou quando percebeu que sua véspera de Natal se resumiria em muita neve do lado de fora e muita charada repetida do lado de dentro. No entanto, dentre

todos os clichês lidos pelo garoto, um provocou o riso sincero.

– Como se chama a boneca que assassinou todo mundo em um churrasco americano?

– Também não sei, Lucas.

– Barbie Kill... Ah, pai, essa eu não entendi.

Explicar uma piada faz com que ela perca todo o sentido; por se tratar de uma piada bilíngue, então, a complicação seria em dobro. Além disso, o fato de uma boneca assassinar pessoas poderia desvirtuar a ideia que o filho tinha dos brinquedos. A alternativa encontrada pelo pai foi a de mentir, mais uma vez.

– Não entendi, também.

O filho conhecia a língua inglesa apenas das músicas que cantava na escola. Marcos nunca se preocupou em aprofundar seus conhecimentos e ficou apenas com o pouco que aprendeu no ensino básico. Portanto, Lilian, além de cumprir o posto de esposa e mãe, ainda trabalhava voluntariamente como tradutora-intérprete.

O problema era que sair daquela casa não parecia uma boa ideia a ninguém, principalmente porque isso se resumia em enfrentar uma tempestade de gelo para não ver quase nada. Sinceramente, Marcos não via o menor objetivo

em deixar o Brasil para passar as festas de fim de ano no exterior, ainda mais num continente em que era inverno. Seus ossos, petrificados pelo clima, sentiam falta do tropicalismo brasileiro.

Enquanto Lucas chegava à 49.<sup>a</sup> página de seu livro de humor, Lilian vasculhava o sótão da casa. Marcos tinha dinheiro suficiente para alugar uma hospedagem boa, portanto ela não se contentaria com um flat em qualquer região do país; bateu o pé pelo sobrado na cidade de Justin Bieber. Não que admirasse o cantor ou gostasse das músicas, mas era uma forma de dizer aos amigos que esteve em terra de origem de gente famosa. Como não se sentia bem no meio do tumulto, Stratford, com seus trinta mil habitantes, cumpria com o papel de cidade ideal.

Na imundície empoeirada do cômodo mais alto da casa, Lilian encontrou algumas caixas de papelão. Não que em casas de aluguel para férias não pudesse haver caixas, mas elas eram um tanto incomuns. A curiosidade para saber o motivo de elas estarem ali não era tão grande quanto a de ver o que havia dentro de cada. Colocando seu lado arqueológico oprimido em ação, a mulher vasculhou uma por uma.

A primeira continha diversos enfeites de árvore de Natal: bolas lantejouladas, penduricalhos purpurinados e uma estrela de plástico reluzente. Supostamente, pertencesse a algum morador antigo, mas era certo que, se estavam ali, poderiam servir para embelezar o pinheiro sem-graça que havia na sala.

Continuou abrindo e encontrou peças de presépio, meias de lareira e alguns ramos artificiais de visco e azevinho. As caixas eram como cofres natalinos. O tesouro escondido na última caixa era uma porção de brinquedos, de todos os tipos, aparentemente novos. Se já houvessem tido um dono, este era zeloso em demasia.

Satisfeita com o que encontrou, Lilian equilibrou as caixas uma em cima da outra e, ainda que bamboleando, desceu do sótão e foi completar a família com o esposo e o filho, que liam anedotas sentados no sofá e no tapete, respectivamente. Ao ver a mãe, o filho separou a que considerou melhor:

– Mãe, por que é que a loira jogou a lâmpada pela janela?

– Para medir a velocidade da luz.

A mãe não entendia a graça das charadas: elas são feitas para não serem adivinhadas. A resposta exata fez

Lucas murchar o sorriso e acabou com a brincadeira do garoto, que fechou o livro sem pestanejar. “Devia ter tentado isso”, pensava o pai, que já estava cansado de tanto falatório.

– Que caixas são essas, mãe? – o garoto perguntava por educação, mas já revirava tudo como se fosse um viralata atrás de qualquer osso para roer.

– Achei no sótão. Pensei que seria interessante usar esses enfeites para deixar nossa árvore um pouco mais colorida. E dessa de brinquedos, talvez você goste.

– Olhe, pai! – Lucas, que não poderia perder a oportunidade da anedota, pegou a boneca loira de peitos grandes e cintura fina e pés pequenos. – É a Barbie Kill!

A boneca não tinha um olhar muito agradável, nem tinha um sorriso misteriosamente simpático como a versão fazendeira, a versão balconista de pet shop e a versão amiga que compra no shopping. Também não pertencia a uma instigante linha de mamães-noéis. Era uma boneca comum, loira de peitos grandes e cintura fina e pés pequenos, como são todas as daquela marca – apenas a expressão facial instigava: tinha o poder de assustar os mais supersticiosos.

O menino não parecia se incomodar com a boneca e até chegou a alisar seus cabelos três vezes, encantado com

a coincidência entre o brinquedo e as piadas que lia. O pai ia intervir, mas não pela caricatura, e sim pelo fato de que não gostava de ver o filho, um menino, envolvido com o que deveria ser exclusivamente uma brincadeira feminina. A mãe percebeu o desconforto do marido e interrompeu os pensamentos presentes naquela sala.

– Lucas, por que não deixamos esses brinquedos de lado e vamos escrever uma carta para o Papai Noel?

– Mas todo mundo sabe que Papai Noel não existe!

A resposta do filho foi impactante. Nem o pai esperava. Ninguém sabia quem havia lhe contado sobre a inexistência da maior entidade natalina. Certamente fora na escola ou na internet. Bastava digitar: “Papai Noel existe?” e um clique no pesquisar, que qualquer site de busca diria a verdade. Sem poder contra-argumentar com o filho, Lilian apenas trocou o convite.

– Vamos, então, pendurar os enfeites na árvore?

O dia 24 se resumiu em uma família trancafiada por livre arbítrio na casa que o marido alugou (e a esposa escolheu) para passarem o fim de ano. Marcos foi ao quarto, tirar um cochilo antes da meia-noite, e o filho acabou adormecendo no sofá, a boneca nos braços do menino. Lilian foi a única que se manteve acordada.



Pouco antes da virada de dia, Marcos se levantou e viu a boneca, com seu olhar desagradável e seriedade antipática, repousando confortavelmente junto do garoto. A atitude foi espontânea: tirou a boneca num supetão e a arremessou contra a parede, fazendo cair sentada, numa posição favorável para que vigiasse a todos os acontecimentos. Em seguida, carregou o filho e o levou ao quarto. Não iria acordá-lo; poderia esperar até a manhã seguinte para abrir os presentes.

Ao contrário dos brasileiros, não era cultura dos canadenses soltarem fogos de artifício na noite natalina. A meia-noite foi constatada no relógio digital de Marcos, que cumprimentou Lilian com um beijo de feliz natal. A esposa tomou o espumante e comeu um pedaço do peru, mas estava exausta e disse que iria para a cama.

– Vai esquentando meu lado, querida, enquanto coloco os presentes do Lucas debaixo da árvore.

Lilian mal mantinha as pálpebras erguidas e trocou o vestido tubinho pela camisola que já a esperava sobre o colchão. Enquanto a parte de cima caía sobre seus seios, um barulho na sala fez com que os olhos se arregalassem contra a vontade. “Idiota! Deve ter derrubado a árvore”, xingou em silêncio.

Voltou à sala e caiu sentada no sofá. Marcos, espatifado no chão, trazia o tronco do pinheiro atravessado no peito. Uma morte impossível, mas acontecida. O sono se dispersou, e os olhos de Lilian se mantiveram secos e estáticos, observando o marido fatalmente morto e o filho, encostado na parede, alisando repetidas vezes o cabelo da boneca.

– Eu disse, mamãe. Papai Noel não existe.

A voz do menino era tranquila, bem como sua postura. Em suas mãos, a boneca agora trazia um olhar muito agradável e um sorriso misteriosamente simpático. Já era uma barbie canadense.

## Bodas de Abóbora

Os olhos eram verdes e perceberam que, abaixo, havia uma tentativa de escada; mas a mente sexagenária não conseguiu calcular o tamanho do trio de degraus. O pé esquerdo foi à frente, e o calcanhar quicou indevidamente na ponta do primeiro. Desequilíbrio: a mente processou a dor da queda, e os olhos passaram a ter uma perspectiva de baixo.

Estirado no chão da galeria, em plena Santos, conteve o berro, mas não pôde evitar a careta emitida automaticamente como impulso para desabafar o incômodo provindo do tornozelo deslocado. Pensava no desastre, na vergonha e na dúvida de se deveria tentar se levantar ou esperar até que a ajuda viesse. Pensava, com mais afínco, em como não gostaria de estar pensando em nada.

A esposa, desesperada, engoliu o grito e juntou lágrimas nos olhos – salgadas como o mar do outro lado da avenida, estas serviriam para lhe dar força, coragem e esperteza necessária para acudir o homem que amava em exclusividade há quarenta e dois anos. Procurou na sacolinha algo que pudesse servir como primeiros-socorros,

mas só encontrou o doce de abóbora que haviam comprado para comer após a janta.

Comemoravam bodas de alguma coisa naquele dia, embora nem soubessem de quê. “Talvez sejam bodas de abóbora”, havia brincado o senhorzinho, mostrando conhecer o alimento preferido da mulher – gosto bobo; mas, ainda assim, gosto –, antes de terem saído para o passeio cuja diversão litorânea seria corrompida por um lastimável passo em falso.

A esposa preferiu não se lembrar do passado e, ignorando o problema nos joelhos e na coluna, agachou-se e segurou a mão do amado, entre as rezas e preocupações notáveis no gesto. As pessoas se aproximavam rápido para acompanhar a cena de perto. Curiosidade e compaixão se mesclavam. Eram formiguinhas atraídas pela doçura dos velhinhos.

De repente, uma voz no meio da multidão informou que o resgate havia chegado. Os olhos verdes perceberam quando os bombeiros abriram espaço na plateia que não havia pedido, e a mente processou, concomitante, o alívio e o desespero. “E se eu não puder andar mais? E se tentarem recolocar o tornozelo e virarem demais e me transformarem num curupira?”

Pensava demais e, embora insistisse na tentativa de não pensar em nada, continuava pensando. Pela sudorese, a esposa notou a aflição e jogou o doce de abóbora, que ainda carregava na outra mão, para lhe acariciar o rosto molhado.

Os bombeiros não avaliaram o romantismo e afastaram a senhora. O homem sentiu quando puseram uma compressa de água fria no inchaço; sua preocupação tornou-se intensa. O coração acelerou, a pressão subiu, e foi a última vez que isso lhe aconteceu. Morte boba; mas, ainda assim, morte.



## Desafio 47

– Você usa a mão inteira?

– De vez em quando, mas prefiro mesmo quando são só três dedos, esfregando a ponta. Sinto um tesão do cacete, e a porra sai com mais vontade. A de hoje foi assim.

O diálogo entre os garotos acontecia durante uma aula eventual, ocasião em que eles aprendiam sobre sexo por si próprios. Mas a escola também ensinava algo: o professor falta e encaixam um substituto; o aproveitamento não é o mesmo, mas serve para suprir a necessidade do momento. Em outras palavras, quando o pênis ereto pede uma vagina lubrificada, a mão cuspida é a melhor substituta.

– Nossa, tô desde ontem sem. O foda é que o pau fica duro só de pensar na coisa.

– Vai pro banheiro e se acaba lá, ué!

Sete em dez garotos adolescentes usam ou já usaram a mão direita para acalmar os hormônios; os outros três usam a esquerda, ou por serem canhotos, ou porque já se acostumaram com a mão oposta. A verdade é que, após os doze anos, a urina e a defecação deixam de ser as únicas necessidades fisiológicas do sistema excretor e chega uma terceira, a do estímulo sexual.

– Vamos fazer uma aposta, nós três? Quem aguenta mais tempo sem?

– Beleza! A gente bate a última na hora do intervalo?

– Melhor esperar chegar em casa. Vamos combinar um horário e fica valendo a partir daí. Mas não vale mentir; se fizer, tem que sair do jogo.

Eles tinham 15 anos, com exceção de Pedro, que já tinha 16, mas era o único ainda virgem do trio. A brincadeira erótica que inventaram serviria para medir o autocontrole de cada um. O prazo para o jogo era de quarenta e sete dias. Se os três sobrevivessem a esse tempo, todos seriam considerados vencedores. Por isso, nomearam a brincadeira secreta de Desafio 47.

O primeiro dia foi desesperador. Para quem está envolvido em um vício diário, as primeiras vinte e quatro horas distante do tal são enlouquecedoras. Mas depois do segundo dia, a maré baixou. Até que completasse uma semana, e os três garotos sentissem o máximo de erotização no pouso de uma borboleta sobre o dedo indicador de um deles.

– A gente precisa encontrar uma solução de driblar as regras do Desafio 47.



– Sexo tá valendo, né? Sexo é diferente de masturbação.

– Isso é verdade! Nós não podemos fazer, mas isso não impede que uma mina faça por nós.

Pedro ouviu o acordo e não quis contrariar a ideia, mas sabia que estava em uma grande enrascada. Os amigos eram desinibidos, conseguiriam as garotas que desejassem quando sentissem necessidade disso. Assim, enquanto os colegas se aliviavam, depositando o néctar da multiplicação humana na pandora de suas fiantes, ele era obrigado a manter o equilíbrio e ignorar a sensação de que seus testículos estavam prestes a explodir.

Passadas duas semanas de hormônios em busca da liberdade e lençóis melecados durante a noite, Pedro pensou seriamente em abandonar o jogo. Tentaria um emprego de gigolô antes, se isso ajudasse, mas não tinha corpo atraente o bastante para colocar uma regata justa e passar a madrugada sob a luz oscilante de um poste de esquina. Foi sincero e confessou seu drama aos colegas.

– Preciso descarregar urgente, senão hoje interrompo as férias da minha mão.

– Bote uma roupa legal que à noite vamos ao Castelo do Drácula.

Castelo do Drácula era a casa noturna mais popular da região, o único que oferecia as mais modernas festas, de domingo a domingo. A balada mais comum e mais procurada era o Baile do Vampiro, um evento tradicional do lugar, em que eram permitidas fantasias diabólicas para que a pista de dança se transformasse na melhor substituta para a Pensilvânia. Era proibido a menores, mas nada que um documento falsificado e uma gorjeta ao segurança não resolvessem.

A maquiagem de Pedro não ocultava seu desconforto. Por trás do rosto branco e das olheiras feitas com sombra de um-e-noventa-e-nove, o garoto se sentia nervoso e sem saber o que fazer ali dentro. O amigo, antes de partir com uma vampira desconhecida até a pista de dança, o aconselhou apenas a relaxar, curtir o momento e esperar que uma garota aparecesse para lhe transformar em um morceguinho na base dos mimos.

Tomava uma dose de campari, que a imaginação deveria entender que era sangue, e ia se soltando aos poucos. No último gole, já se sentia em casa, acessando seus pornôis preferidos com direito a fantasias. A movimentação dentro da cueca indicou-lhe que era o momento de agir e acabar com seu drama juvenil.

A garota do outro lado do bar teve uma reação vampírica e percebeu que o sangue de Pedro estava borbulhando de desejo. Já fazia alguns meses que estava sem uma criatura do sexo masculino que fosse capaz de saciar sua fome. Ajeitando os seios que não eram grandes, mas no tamanho certo para provocar, seguiu na direção de seu alvo.

– Olá, meu Edward! Tenho chances de ser sua Bella?

Os olhos de Pedro se encontraram com um rosto pálido e lábios luxuriosos, mas logo baixaram para focar sua visão na perfeição feminina que ela carregava no busto. Desviou-se dos pensamentos eróticos, dos trajetos que a língua gostaria de fazer, e deu uma resposta simpática.

– Prefiro que você seja minha Rogue.

A paixão por X-men jamais permitiria que aquela garota tão excitante fosse comparada a uma protagonista de cenas pseudorromânticas; preferia algo mais heroico e ao mesmo tempo selvagem, uma menina que fosse capaz de amortecer todos os seus sentidos com um único toque. Assim, penetrado na ilusão mais profunda que já havia tido em dias, deixou o álcool falar por si e foi direto no objetivo.

– Que tal uma chupadinha?

– Sugo até a última gota.

Além de ter encontrado uma garota que fizesse sexo, deu a sorte de encontrar uma que estava disposta a fazer sexo oral. Agradecendo mentalmente à sua quinzena de abstinência total, o que deixava tudo quinze vezes mais estimulante, deu a mão para a vampirinha que havia acabado de conhecer, e ambos seguiram para o terreno baldio atrás da casa noturna. Era madrugada, não corriam o risco de serem flagrados.

A garota encostou Pedro na parede e levou sua língua ao encontro dos lábios dele. O beijo só serviu para que o garoto ficasse ainda mais excitado e sentisse as cócegas de um pré-orgasmo causado pelas preliminares. Percebendo o descontrole do parceiro e o desejo incontrolável de que ela continuasse conduzindo o momento, ajoelhou-se e alinhou sua boca à braguilha da calça de flanela que ele usava.

Pedro olhou para baixo, viu o esmalte preto descendo o zíper e sentiu os dedos gelados tocando seu órgão quente e no máximo de rigidez que ele já havia alcançado – parecia que a maior parcela de sangue do corpo havia sido levada para as genitais. Após dezesseis anos sem sair da toca, o amigo inseparável de Pedro finalmente

conheceria o melhor presente que um *habeas corpus* era capaz de fornecer.

A boca úmida tocou na glândula e fez Pedro conter um pulso. Descobriu-se hipersensível. Sentiu a língua passar pelo prepúcio e fechou os olhos automaticamente. Curtia cada milímetro de seu pênis entrando na boca da garota que nem havia falado o nome, mas que era indiscutivelmente sensual. De repente, aconteceu algo que não estava em seus planos: os caninos fincaram-se abruptamente no pênis.

Pedro gritou bem alto quando sentiu a dor, mas não podia ser ouvido por causa do lugar vazio em que estavam e da música estourando decibéis ao lado. Enquanto era sugado, ele caía enfraquecido no chão com a certeza de que aquele era seu fim no Desafio 47. Ela, com a boca escorrendo sangue, atingia o orgasmo.



## Rainha má

Perpétua não tinha esse nome por acaso; tudo que se referia a ela durava para sempre. Quando se tornou rainha, ninguém mais ocupou seu posto; uma vez que foi considerada a mais bela, não houve outra que assumisse essa posição; desde a primeira vez que fez um feitiço, se declarou uma bruxa por todos os séculos e séculos.

Como toda rainha, morava em um castelo arrebatadoramente grande e com uma fachada em ouro e prata que era incomparável aos demais. Como toda bruxa, não mantinha dentro do palácio o mesmo luxo que se via do lado de fora: gostava das teias de aranha nas paredes e da desordem com os objetos pessoais. Mas, como toda mulher bonita, tinha um espelho.

O espelho de Perpétua era muito melhor do que os eletrônicos ultramodernos, pois não era necessário o mínimo de tecnologia digital para que ele conversasse com sua dona e revelasse a vida de cada um no reino, como se fosse a câmera escondida de um *reality show* inacabável.

Entre tantos caçadores, servos e bobos da corte existentes em seu mundo particular, as lentes de Perpétua se focavam em Apolo, príncipe do reinado fronteiriço. Passava

manhãs, tardes e noites seguindo cada passo do nobre cavaleiro. Ficava feliz quando o príncipe se contentava; sentia-se alimentada quando o príncipe comia algo. Vivia de osmose.

Obcecada por Apolo, a bruxa não se incomodava com as atitudes da alteza, até o momento em que ele compareceu a um encontro real com uma das donzelas mais belas dos arredores. O incômodo fez com que Perpétua se fantasiasse de vendedora de frutas e desse uma maçã envenenada que desmaiaria a donzela para sempre.

Sem desanimar, Apolo conheceu novas moças e se apaixonou pela princesa mais encantadora da região. Mais uma vez, o mal-estar de Perpétua foi despertado e, assim, se disfarçou de costureira e, com a agulha de sua máquina de confeccionar roupas, espetou o dedo da princesa, que adormeceu sem prazo para acordar.

O tempo passou, e Apolo conheceu uma nova pretendente, a garota com os cabelos mais brilhosos entre todas as dos povoados mais próximos. Perpétua estava tão revoltada que não conseguia nem pensar em camuflagem. Assumindo seu papel de bruxa, sequestrou a garota e prendeu-a na torre de seu castelo.



Vendo a tristeza do príncipe, Perpétua percebeu que, em vez de fazer apenas o mal, poderia, pelo menos por uma vez, tentar uma coisa boa. Mas o benefício precisava ser recíproco; portanto, vestiu-se com as pomposas roupas concebidas por uma fada-madrinha e resolveu se apresentar a Apolo.

O jovem alourado cavalgava pelo bosque quando, de trás de uma amoreira, Perpétua se apresentou com piscadelas e muito afeto.

– Afaste-se, para seu próprio bem. Estou amaldiçoado e todas as que se aproximam de mim acabam tendo um final trágico.

– Não se preocupe. A responsável pelas fatalidades sou eu mesma, confesso. Quero ser a moça com a qual você dança nos seus bailes. Acompanho sua vida por meio do meu espelho mágico e posso garantir que não há outra pessoa no país com mais capacidade de amá-lo do que eu.

O príncipe saltou do cavalo com a espada em punho, pronto para atacar. A bruxa segurou a espada e a manuseou, ainda que ao contrário, encostando a ponta afiada no seio esquerdo, transparecendo com o olhar um misto de coragem, desespero e aflição.

– Faça com que as lâminas atravessem meu coração. É um favor que você fará a todo o reino, incluindo a mim.

A respiração da bruxa estava forte e rápida e as mãos tremiam, revelando sinceridade e nervosismo. O príncipe tinha uma lista de motivos para ser considerado herói e, nela, não havia o fato de confiar em vilões.

– Por que deseja a própria morte? É um truque para despertar algum tipo de feitiço?

– Se for um truque, que seja para adormecer o sofrimento! É como se existisse em meu peito um caldeirão sem poção mágica: arde no fogo, mas se encontra vazio. E não há torcida de nariz, piscar de olhos, apontada de dedos ou varinha mágica que faça essa sensação parar.

Aos humanos, lhes foi concedido o direito de amar. Assim também o foi às bruxas más, dignas de ações desumanas, mas, sobretudo, criaturas humanas. Perpétua estava indiscutivelmente enfeitiçada de amor por Apolo. Esse sentimento, entretanto, era impossível de ser retribuído: não é porque sapos viram príncipes com um beijo que uma bruxa viraria princesa.

– Desde quando o amor é motivo para morrer?

– Desde que ele é descoberto – a bruxa respondeu, assumindo a emotividade reprimida por tantos anos. – Se

você não me mata com a espada, morro gradativamente e com muito mais dor.

Apolo sorriu torto, baixou a espada e a guardou de volta na cintura. Então, subiu no cavalo e, sem dizer nada, deu as costas, dirigindo-se ao palácio e deixando Perpétua com lágrima nos olhos e agonizando com a maior das maldições.



## Gôndolas no Tietê

Havia gôndolas no Tietê. Em frente à igreja da Sé, uma apresentação de cossaco. E o Palácio dos Bandeirantes tinha formato de um pentágono. A arte contemporânea fazia questão de enquadrar São Paulo nas mais variadas culturas – e nada tinha a ver com os japoneses da Liberdade ou com os italianos da Bixiga.

A máxima paulistana é de que o preconceito já foi superado, mas a visão que se tem de um rapaz homossexual é que ou ele é promíscuo, ou crítico de arte. Não há meio termo. No meu caso, não sou de visitar museus e galerias com periodicidade, muito menos de me relacionar com qualquer um. Sou o meio termo.

Se estive visitando uma exposição no MASP, não foi por causa da minha faculdade de Fonoaudiologia. Foi culpa de uma irmã, Ana Júlia, 15 anos. Precisava coletar informações para um trabalho da escola e não queria ir com a mãe. Os amigos tinham outros compromissos, mais digitais e menos aborrecedores.

– Já pensou se Sampa tem mesmo portais secretos de teletransporte?

– Julinha, não tô mais na idade de acreditar em contos de fada, novela das sete ou websérie.

– Mas olhe esses quadros, Dé... O pintor queria dizer o quê, será?

Que ele era louco, possivelmente. Ou que vestiu a camiseta da Unicef (manga-longa, para não sujar os braços de tinta) e saiu relacionando uma cidade com outra, numa tentativa desgastada de globalização que, na minha visão de quase fonoaudiólogo, não funcionou. Se nem a linguagem de sinais consegue ser unificada, imagine a arte!

– Talvez que... Que o preconceito já foi superado!

Fiquei me perguntando se ela ganharia nota dez caso escrevesse que imigrantes são bem-vindos no Brasil e que brasileiros são recepcionados com simpatia no exterior. Uma argumentação em prol dos direitos humanos baseada na representação artística de um pintor contemporâneo que luta pelo reconhecimento. Certamente seria nota dez. Sempre foi desse toque de otimismo que os trabalhos escolares precisaram.

Na sala seguinte, esculturas de argila. Em formato de pênis. Eretos. Em tamanhos reais. Em formatos variados – torto para a esquerda, liso, circuncidado. Alguns até tinham pelos que, segundo a plaquinha, vieram de púbis

legítimos. Cada um recebia um nome. O do canto direito, mais distante da porta, era meu homônimo: André.

– Certeza de que cê quer continuar vendo isso? – perguntei.

– Melhor não. É muito coisa de gay.

– Acredite, Ju. Tudo o que NÃO queremos são pênis feitos de barro.

Desde que me assumi homossexual, Ana Júlia me assumiu a “melhor amiga” dela. Uma demonstração de que extrapolamos a intimidade padronizada entre irmãos foi o papo que surgiu no carro, na volta para casa, livremente inspirado na exposição de argila.

– Dé, aquele monte de pinto... Você ficou excitado?

– Eu fiquei constrangido, isso sim! Por quê? Você ficou excitada?

– Cuidado com o sinal vermelho!

Pisei o freio e virei brutalmente o volante. Evitei colidir com os carros no cruzamento, mas consegui impedir o beijo sadomasoquista entre o capô e o *guard rail*. Tinha três opções: ligar para o resgate, ligar para minha mãe ou ligar o carro na quinta marcha e sair dali antes que o pagamento pelo conserto da mureta sobrasse para mim.

– Vai ligar pra Viaoeste? Ali tem um telefone – Ana Júlia disse, apontando para a cabina logo à frente.

– Isso não faz sentido! Por que teria um orelhão nas margens do rio Tietê?

– Por acaso, tem sentido o fato de a gente estar sem celular?

O consentimento foi representado pelos passos até a cabina. Ana Júlia, atrás. Tirei o fone do gancho e o levei à orelha apenas para não ouvi-lo.

– Tá mudo!

– Legal: tem telefone, mas não tem linha.

Sáímos da cabine e ouvimos um *ciao* vindo do rio. Olhamos e nos deparamos com uma gôndola navegando o Tietê; o homem no comando do sorriso de madeira nos acenava. Ao que tudo indicava, queria que fôssemos dar uma volta.

– Desde quando existem gôndolas no Tietê? – perguntei...

– Dé... – foi o que Ana Júlia conseguiu responder, enquanto me fazia virar o rosto para a marginal: não havia mais marginal.

Estávamos em uma microcalçada com prédios antigos ao lado e água por todos os lados.



– A gente tá na Itália... – murmurei.

– Veneza!

– A gente tá na Itália! Como a gente veio parar na Itália? Ana Júlia... eu... nós... – os pensamentos, as lembranças da exposição em que os quadros retratavam tais momentos, a aflição desviaram minha fala. – A batida foi forte, eu devo ter tido uma concussão... Eu tô delirando, não tô?

A garota parecia mais surpresa do que eu, e o clima de choque se agravou com o gondoleiro que convidava: *venire fare un giro!*

O gondoleiro era o oposto da minha ideia de homem italiano. A pele bem negra coberta por tecidos escuros e um chapéu branco. Tinha muitos dentes na boca – parente de tubarão, talvez. Algo pescador, algo sambista. Uma figura exclusiva que deveria constar numa exposição de arte contemporânea do MASP. Ao terminar o trajeto, sussurrou algo como:

– *Donazione... Donazionina...*

Mesmo não sendo experto em italiano, entendi que queria uma doação. Porque doação é palavra mais bonita do que esmola. *Donazionina* soa mais chique que esmolinha. Italiano sabe ser chique. E brasileiro sabe enrolar italiano:

sacudi os ombros como se não tivesse compreendido o que ele pedia e saltei da gôndola logo após Ana Júlia.

– Ótimo! A gente tá na Itália e eu só sei falar pizza, lasanha e mozzarella. E eu não tenho grana pra bancar duas passagens de avião até o Brasil. Nem passaporte temos, meu deus!

– Viu, eu não sei direito como voltar para São Paulo e tô achando tudo muito confuso, mas a gente podia ir ali, na Praça da Sé...

– Julinha, não existe Praça da Sé em Vene... – antes que eu pudesse concluir a frase, a mão de Ana Júlia virou meu rosto em 50 graus. – Caraca! Existe Praça da Sé em Veneza!

Já não sabia mais se Veneza estava em São Paulo ou se São Paulo estava em Veneza. Se fosse um dia normal, faria a piada de que o preconceito já foi superado. Preferi, no entanto, omitir os bordões e caminhar com Ana Júlia até a praça com igreja que havia logo à frente.

– Acho que deve ser a tal Basílica de Santa Maria della Salute, que fica em Veneza...

– E por acaso ela se parece tanto assim com a Igreja da Sé?

Torci os olhos para dizer que concordava com o raciocínio, mas não conseguia aceitá-lo. Era tudo muito impossível. Queria sair logo dali, voltar para casa, abandonar o pesadelo, ver muitas mais exposições de obras de arte, pagar o concerto do *guard rail*, tudo parecia muito mais interessante do que estar em uma Veneza paulistana (ou em uma São Paulo veneziana).

– Chegamos. E pelo menos não tem uma apresentação de cossaco aqui na frente – disse sem saber se era um lamento ou uma satisfação. – O que a gente faz agora? Entra e reza?

– Pode ser – Ana Júlia respondeu enfrentando meus olhos que se entortaram em concomitância com as sobranceiras. – Vai que o padre sabe algo dessa confusão toda.

Atravessamos a porta, mas pelo menos foi após abri-la. Esquisitamente, estávamos de volta dentro do carro. A viatura parada logo atrás, e dois policiais descendo para registrar a ocorrência e calcular a multa. Viva a multa.

Voltei o carro na marginal e dei seguimento ao trajeto de volta.

– Vamos combinar que tudo isso foi só um sonho? – perguntei.

– Certo... – Ana Júlia respondeu. – E sim, eu fiquei excitada. Mas não me culpe, Dé. Você sabe como é ter hormônios gritando dentro de si e a curiosidade por nunca ter visto um pinto de perto.

– Juro que vou me arrepender disso depois, mas pegue meu pen-drive roxo emprestado. Tem uns filminhos lá que vão ajudar você a se aliviar. Só, por favor, não saia dando para qualquer um. Posso não ser hétero, mas continua sendo seu irmão e tenho ciúmes, viu?!

Ela riu. Eu também ri. Papo mais absurdo. Dia mais absurdo. Porta-luvas que não fecha por causa da batida. Julinha que eu carregava no colo já querendo transar. Eu, irmão que sou, de boa com tudo. André mais absurdo. E os pneus rodaram sem interrupções até chegarmos a nossa casa.

Assustei-me com o senhor dos olhos arregalados, em pé, em frente do portão. Carregava na mão direita um saco bem grande e na saliva as palavras que se repetiam: *Doação. Doaçãozinha*. Não especificava se queria roupas, alimentos, dinheiro vivo ou objetos usados. Apenas pedia. Eu apenas fingia não escutar.

Entrei em casa e pude respirar o ar doce do lar. Até me sentia mais seguro. Em São Paulo, o preconceito já foi superado.



## Tumbalacatumba

O aroma de grama recentemente adubada penetrava as vibrissas, e a neblina que deixava a noite branca fazia o mesmo nariz escorrer. O piado da coruja estrategicamente repousada sobre uma lápide alcançava um elevado número de decibéis no espaço vazio. Para todos os casos, tratava-se de um cemitério no centro de Bucareste.

As tumbas caprichadas tinham direito a ladrilhos de mármore e cruces talhadas em marfim. Eram a prova de que a luxuosidade humana não desaparecia nem após o fim da vida terrena. Grande parte das sepulturas eram monstros de pedra prontos para engolir aquele que se aproximasse; entretanto, os túmulos mais simples pareciam inofensivos, apenas um monte de terra empilhada.

Do inócuo nasce a nocividade. A superfície bem firme de um desses túmulos calmos começou a tremer e, rasgando a crosta, uma mão em estado decomposto tentava apanhar a neblina e o piado. Registrava-se o parto de um zumbi.

– Taie! – o diretor, à beira de um ataque de nervos, ordenava o corte da cena.

Rômulo Sorocaba estudou onze anos de ensino básico, quatro anos de graduação, fez três especializações na área de cinema e já havia conseguido bolsa internacional para seu mestrado. Ainda assim, o único emprego que conseguiu encontrar foi como diretor de videoclipes. Se pelo menos fossem vídeos de cantores *crème de la crème*, compositores de músicas ultrafenomenais, ainda valeria a pena. No entanto, sua missão como cineasta exportado se resumiu em dirigir a versão romena de um blu-ray em tributo a Michael Jackson.

– Esse Thriller está mais para Tumbalacatumba! Esse cenário foi mal produzido, essa sonoplastia precisa ser melhorada e esses atores... ah, esses atores...! São zumbis que vieram para matar, mas de rir.

O zumbi protagonista, em cuja carteira profissional estava registrado “Alfred Benedek – cinco curtas-metragens e sete peças teatrais”, sendo o único falante de português da equipe além de Rômulo, traduziu com uma porção de eufemismos a revolta do diretor. O elenco e a produção não demonstraram alegria ao receber a crítica.

A noite seguinte seria tempo e espaço para a nova tentativa de gravação. Rômulo verificava cada detalhe do cemitério central e demarcava as melhores posições de



câmera e para os atores. Por fim, conferia a presença de toda a equipe em sua lista de chamada mental. Sentiu falta de Alfred e deu um berro.

– Nu am vazut – uma das produtoras respondeu.

O diretor não entendia o idioma e chegou a pensar que ela estava lhe rogando uma praga. Mas conferiu, pela lente dos óculos da moça, a tranquilidade do olhar. Resolveu acreditar que ele já estava em seu lugar, aguardando o início das filmagens.

A música começou alta, espantando os corvos reais que sobrevoavam algumas tumbas. As velas do cruzeiro se esforçavam para continuar acesas, e o cheiro de elementos pútridos se solidificava, ou gaseificava, em névoas. Da terra aglomerada no foco da câmera, a mão acinzentada brotou, os ossos expostos.

“Maquiagem perfeita”, Rômulo elogiou mentalmente.

Com a força esquelética de alguém falecido há mais de trinta anos, o zumbi deslizou para fora do chão e sacudiu a sujeira acumulada no corpo antes de dirigir-se a passos duros na direção do diretor. A produção se mantinha apreensiva. Pela primeira vez, Rômulo sentiu um fundo de verdade.

– Dez minutos de atraso e você me substituiu? – o sotaque romeno, vindo da entrada do cemitério, interrompia a filmagem e expressava a decepção de Alfred.

A surpresa e a confusão se mesclavam como ferrugem em corrente de aço. Não havia explicação brasileira ou romena que justificasse a situação. Enquanto os vivos pensavam demais, o morto, em três mordidas, tomou a decisão necessária para voltar a seu descanso eterno.

Rômulo Sorocaba estudou onze anos de ensino básico, quatro anos de graduação, fez três especializações na área de cinema e já havia conseguido bolsa internacional para seu mestrado. E nem assim conseguiu terminar as filmagens do único trabalho confiado a si.

## Nana, o que é *amprotofagia*?

A babá juntava o dinheiro e a carteira de identidade, que fizeram um suposto malabarismo e conseguiram fugir do bolso da camisa, enquanto o garoto de nove anos assistia ao noticiário pela tevê: “Acusado de antropofagia infantil continua foragido. Suspeita-se que o criminoso esteja nos arredores da Vila Recreio”.

– Nana, o que é *amprotofagia*?

– A gente fala *antropofagia*, Gui. E isso é... – pensava numa metáfora simples e pouco chocante. – Pense na história da Chapeuzinho Vermelho, quando o Lobo Mau come a garotinha e a vovó. O homem do noticiário é como o Lobo Mau.

– Ah! Então, quer dizer que, se ele aparecesse por aqui, ele podia soprar e soprar e derrubar a nossa casa?

A ideia tornou a explicação ainda mais difícil. Para escapar do encurralamento, disse que seria melhor que ele deixasse essa palavra de lado e usar apenas as que já conhecia.

– Ah, Nana! Deixe de ser boba. Não sabe que o Lobo Mau da Chapeuzinho e o Lobo Mau dos Três

Porquinhos são diferentes? Eles são apenas primos distantes.

A criatividade do menino era admirável. Ela provavelmente já refletira sobre a genealogia dos lobos, por volta do segundo ou terceiro ano do ensino fundamental, mas não tinha mais lembranças.

– Sua mãe realmente educou você muito bem.

Marta não era professora, mas, como ex-esposa de um político famoso que pegou um voo para a Suíça e voltou com uma nova certidão de casamento, recebia uma pensão generosa, que supria as despesas da escola particular do filho.

– Ana Paula, você tem planos para depois do jantar?

– Não, senhora. Se precisar dos meus serviços para depois do horário, fico sem problemas.

– Você é um amor de babá! Estou com uma enxaqueca terrível e tomarei um desses remédios que desmaiam a pessoa por toda a noite. Seria bom que o Guilherme tivesse alguma companhia.

Trabalhar cuidando e educando crianças era uma atividade prazerosa para Ana. Sabia que, quando conseguisse dinheiro para uma faculdade, escolheria Pedagogia. Olhando através da janela da sala, Ana sonhava

com as crianças chamando-a de tia, enquanto apreciava o corpo descamisado do jardineiro.

– Você gosta dele, Nana?

– Claro que não, Gui. Ele é só... bem... um empregado dessa casa, assim como eu.

– A mamãe o contratou há pouco tempo. Posso ajudar com o jantar?

A facilidade das crianças de conseguirem ligar assuntos aleatórios era incrível para Ana. Ela sorriu e disse que seria ótimo. Enquanto o menino correu à cozinha, ela foi ao jardim. Depois de muito contato visual, talvez fosse hora do contato verbal.

– Então, você é o novo jardineiro...

– E você é a babá!

O rapaz parou com a tesoura e esticou a mão suja de terra para cumprimentá-la. Ana não tinha mania de limpeza nem fobia de bactérias, então, apertou-lhe os dedos calejados, sem titubear.

– Eu estava prestes a fazer o jantar... – ela dizia. – Quería saber se você tem alguma mistura preferida.

– Nossa, é a primeira vez que me convidam para jantar numa casa onde presto serviços! E ainda me deixam dar opinião no prato... Vou ficar mal-acostumado!

As bochechas de moça apaixonada se contraíram num sorriso encabulado.

– Carne malpassada.

– Desculpe?

– Minha sugestão para o jantar. Não sei quanto a você, mas aquele sanguinho no bife me abre o apetite... – O barulho da caminhonete do vizinho interrompeu a conversa.

A corcunda do homem chamava atenção, mas, num ranking geral, estava abaixo da roupa remendada, das rugas faciais profundas, da barba sexagenária e da grande cicatriz próxima ao olho esquerdo. Ele desceu do veículo, tirou um saco preto visualmente pesado da carroceria, e sorriu forçado para a babá e para o jardineiro, antes de entrar na casa.

– Céus, que homem esquisito!

– Já é a terceira ou quarta vez que ele chega com esses sacos hoje – contou o jardineiro. – Pelo menos, não ouvimos os gritos.

O sarcasmo não conseguiu tirar uma risada de Ana. Ela estava abalada demais, pensando na notícia que havia virado manchete no telejornal.

– Sei que parece loucura, mas... – ela confiava seus pensamentos em quem acabara de conhecer – você viu a notícia de que há um canibal na cidade? Que anda matando pessoas, ou melhor, crianças para comer?

– E você está suspeitando que seja ele? – disse descrente. – A cidade não é tão grande, e a polícia já está na cola do cara. Ele não daria tanta bandeira.

– Sabe-se lá o que se passa na cabeça desses assassinos.

O papo teve um ponto e vírgula. Ana Paula aproveitou a deixa para voltar para casa e preparar o jantar.

Tirou a carne rosada da geladeira. “Essa deve ser a de carneiro. Gente fina é tão esnobe”, pensou, segundos antes de fatiar a peça em finos bifés. Guilherme ajudava, batendo com um martelinho para amaciar a carne. Do outro lado da parede, era possível ouvir as irritantes batidas em algum objeto metálico. “Esse vizinho não me agrada nem um pouco”, processou mentalmente.

Ignorando o barulho e os pensamentos, Ana deixou o arroz cozinhando em uma panela, o feijão requentando em outra e pediu para Guilherme preparar a salada. Enquanto isso, fritava os bifés, um a um, deixando o último no ponto de cru, como o jardineiro havia pedido.

O relógio marcava pouco mais de sete e meia da noite quando a pilha de louças formava uma torre desestruturada sobre a pia. Ana Paula deixou a tarefa da lavagem para mais tarde e encostou o corpo cansado no sofá. Dois minutos com a televisão ligada foi o máximo que precisou para adormecer.

Guilherme estava aborrecido de ficar em casa, vendo tevê, mas não queria acordar sua Nana para brincar com ele. Então, aproveitou o horário de verão, quando o início da noite ainda parecia dia, e foi até o jardim.

– E aí, garoto?! – o jardineiro demonstrava simpatia.

– Sem ter o que fazer dentro de casa?

O menino confirmou com a cabeça.

– Quer aprender a mexer com terra?

O menino fez que sim.

Mesmo em um cochilo de vinte minutos, Ana Paula conseguiu sonhar. O saco preto, no chão da sala, foi o protagonista da história onírica. A barba jurássica e a cicatriz horrenda denunciavam o dono da casa e do saco. Na simples desamarrada do nó, o vizinho arrancou do saco um corpo sem vida.

Tratava-se do corpo desnudo de um menino. Pela falta de pelos corporais, não passava dos doze anos. O velho



esquisito o carregou até a mesa da cozinha, a passos mancados e com postura corcovada. A ponta da adaga percorreu as laterais das duas pernas, facilitando a descolagem da pele. Fez o mesmo com os braços.

O corpo já estava em carne viva, quando o homem das rugas substituiu sua faca por um machado. Num único golpe no pescoço do cadáver, fez a cabeça rolar. No chão, o rosto de Guilherme parecia implorar por ajuda.

O grito explosivo de Ana Paula quase trincou a vidraça, mas foi abafado pelo barulho de uma pancada, no lado de fora da casa. Correndo desesperada para o jardim, a babá viu o vizinho maléfico com uma pá vermelha nas mãos, o pupilo chorando devido ao trauma e o corpo sarado do jardineiro sobre a grama.

– O que aconteceu? – Ana Paula correu para Guilherme, abraçando-o e tentando passar algum aconchego. – O que o senhor fez com o menino e com o jardineiro?

– Eu não fiz nada errado. Vi o jardineiro apertando o pescoço do menino, parei de desamassar as ferramentas e tentei impedir algo pior, com o que tinha em mãos.

O pescoço de Guilherme realmente estava sujo de terra. Ana olhou para a caminhonete do vizinho, na qual

repousavam algumas pás, rastelos e enxadas, dentro de um saco preto ainda aberto. Compreendeu que os barulhos que ouvira eram de metais sendo desamassados. Ele era apenas um ferreiro.

– Gui, olhe pra mim – a babá já tinha lágrimas nos olhos. – O que foi que o jardineiro fez com você? Ele machucou você?

Entre soluços e aflição, o garoto respondeu gaguejando:

– U-ma a-be-lha me pi-cou. E-le estava tentan-do tirar o f-f-ferrão.

Camuflado pela terra, o inchaço no pescoço mostrava que Guilherme estava sendo sincero. Ana Paula olhou assustada para o vizinho e para o jardineiro desfalecido. O senhor enrugado também estava perplexo, culpando-se mortalmente por ter ferido um inocente. A moça não sabia se ligava primeiro para a polícia ou para a ambulância. Na dúvida, fez o que uma boa babá faria: deu prioridade ao menino.

– Gui, vamos entrar. Você precisa de um banho. Vá indo ao chuveiro que logo vou lá para tirar esse ferrão do seu pescoço.

Tentava não pensar no que diria à patroa, quando esta acordasse. Então, ligou para o pronto-socorro e aproveitou o momento para telefonar ao 190. Viu o jardineiro saindo de maca e o vizinho sendo colocado num camburão. Nos olhos, transparecia a certeza de que os dois homens não fariam (nem nunca fizeram) mal a Guilherme ou qualquer outra criança, e entrou tranquila na casa.

Marta estava acordada, com a cara emburrada e querendo saber o que estava acontecendo. Ana não conseguia encontrar palavras para responder e focou na preocupação com Guilherme. Envolveu pá, ferrão, polícia e ambulância numa explicação sem padrões sintáticos, mas com a tese voltada unicamente para o medo de o antropófago estar por perto.

– Não se preocupe, Ana. Estou certa de que o Guilherme está bem protegido.

– Como você pode ter tanta certeza?

– Jamais faria mal ao meu filho.

Tirando uma faca do roupão, Marta cravou a serra no peito de Ana Paula. Salivou, pensando no sabor da empregada. A carne não deveria ser tão macia quanto a de uma criança, mas obviamente ainda teria os nutrientes necessários para resultar em uma boa alimentação. Antes

que a babá caísse morta no tapete da sala, Guilherme apareceu enrolado em uma toalha e com uma nova pergunta.

– Mamãe, a Nana não é muito velha para brincar de Chapeuzinho Vermelho?

– Ela é a Vovozinha, Gui... Apenas a Vovozinha.

## Sufrimento canino

O rabo endureceu de repente. O frio começou nas patas traseiras e logo escalou até as dianteiras. O músculo da nuca estava se contraindo quando ele teve a certeza de que passaria novamente pela indelicada situação. Tremedeira por dentro, língua para fora, espuma pela língua. O ataque epilético aconteceu antes que o cachorro chegasse do outro lado da rua.

A moto estava bem próxima, mas conseguiu desviar. O piloto na garupa carregava uma carona; a carona no útero carregava um feto. O troco do dinheiro gasto na cerveja, dois meses atrás, não foi suficiente para o preservativo, mas comprou o incessante desejo de um aborto espontâneo. Os movimentos do cachorro movimentaram pensamentos. Poderia acontecer o mesmo com o que está dentro da barriga. Suportaria a dor da cólica para não suportar a dor de criar um filho por obrigação.

A caminhonete desviou pela direita e passou rente a um veículo de passeio. A família de três quase se chocou com a família de cinco e por pouco não gerou oito feridos por causa de um animal. Uma matemática desnecessária, mas inevitável de ser processada pelo professor que

conduzia o minicaminhão, ou caminhão, como diz sua esposa portuguesa e, conseqüentemente, o filho luso-brasileiro. Poderia acontecer-me o mesmo que o cachorro, ele pensava, assim pararia de raciocinar tanto.

O veículo quase colidido estava sendo guiado por uma viúva. A mãe no banco do passageiro, três filhos no banco de trás. A mãe dormia, enquanto ela orava pelo cachorro. Ninguém, nem mesmo um animal, merece tal sofrimento precedente de morte. Os filhos, eufóricos, acharam tudo muito engraçado e quiseram levar para casa. Pode, mãe? Mais três ave-marias pelo pecado dos filhos.

O ônibus veio atrás. Cinquenta e três rostos colaram-se à janela do lado em que ocorria a performance canina. Cinquenta e três ideias, de todos os tamanhos, se espremeram no coletivo. Quatro para-aprender-a-não-latir-mais-de-madrugada! Sete alguém-vai-passar-por-cima... E quarenta e dois que-dó! Os olhos do cachorro seguiram o ônibus em seu desvio pela grama.

Então veio o ciclista. Passou por cima e só percebeu quando o guidão da bicicleta entornou e o fez dar três cambalhotas na pista. Não ouviu nem o uivo de desencarno, o último latido. Sorte sua ter morrido, senão te matava! E

tinha mais de sessenta testemunhas de que o cachorro estava realmente atrapalhando o trânsito.





## Expresso do submundo

O carvoeiro de Timisoara não se lembrava de como ou por que havia ido parar no vagão. Recordava-se apenas do barulho de explosão, quando a picareta perturbou o sono milenar do gás metano. A pele acariciada mais pela amante do que pela esposa foi transformada em uma parede esburacada. As cicatrizes, as queimaduras e as fraturas expostas eram a prova de que não sobrevivera ao desastre e de que, com a fealdade adquirida, jamais conquistaria a garota com vestido branco à sua frente.

A noiva-cadáver não era uma animação americana, mas uma tragédia romena. Ia rumo à lua-de-mel quando o jato particular se espatifou na colina. Com o noivo em coma e sem esperança de ser desvirginada, ela alisava a aliança coberta por sangue de moça pura e pensava se havia sido uma boa escolha ter aceitado se casar em virtude do dinheiro. Os olhos, no entanto, transpareciam o preconceito em seu desejo de não querer que a senhora da perna amputada, que se entregava às cantigas infantis, pegasse o buquê.

A velha da parlenda sofria de câncer em estágio terminal. Era brasileira, mas foi encaminhada a médicos

romenos, visando a tratamentos alternativos. Ouviu a esperança de que, retirando a perna que abrigava o tumor, talvez pudesse ter uma vida saudável. Já careca devido à quimioterapia, aceitou o desafio e morreu na mesa de operação. Ainda assim, insistia em manter o bom humor, cantando repetidamente: “O saci vive na mata. Ele pula num pé só.” No pulo do pororó-popó, olhava para o aborto no chão e esperava que ele lhe sorrisse.

O feto, que estava prestes a ser arrancado aos pedaços do ventre de uma prostituta, ainda não tinha o cérebro completamente desenvolvido, mas sustentava uma única opinião com o fragmento de massa cinzenta que carregava: a de preferir ter sido jogado pelo ralo a ter fecundado um óvulo. Não se incomodaria de ter sido expelido do testículo de um homem qualquer. Poderia até ser um dos espermatozoides do adolescente tímido, sentado no canto perto da porta, escondendo as marcas de autoenforcamento.

As manchas roxas no pescoço entregavam a perversidade por trás do rosto de santinho. Aos quatorze anos, o jovem descobrira os prazeres sadomasoquistas e aplicara-os em seu momento masculino particular. Sozinho no quarto, amarrara um cachecol no pescoço. Uma ponta se

mantinha presa à fechadura da porta; a outra era puxada vagorosamente pela mão livre. A técnica de prender a circulação aumentava o prazer; mas a asfixia veio antes da ejaculação.

O trem seguia ao Hades, reino dos mortos, e era conduzido por uma caveira atormentada. Pensava em quanto tempo mais precisaria estar nesse emprego temporário até que tivesse permissão para sair da fase do purgatório. Será que merecia o céu? E como ele seria? Uma desconcentração fez com que se esquecesse de diminuir a velocidade na curva perigosa e o vagão saiu do trilho, seguindo desgovernado para o precipício e capotando diversas vezes pelo morro.

Não demorou para que os bombeiros encontrassem um corpo com vida entre os destroços da mina de carvão. A recém-casada abriu os olhos e deu de cara com o paramédico massageando seu peito. A máquina de batimentos cardíacos voltou a apitar em ritmo controlado, na sala de cirurgia ortopédica. A mãe solteira segurou a mão do obstetra clandestino antes do fórceps penetrar em seu corpo. O adolescente suspirou e golfou um coágulo de ar antes de sentir uma incontrolável dor de garganta.

A caveira finalmente avistava a penumbra do portão celestial se abrindo. Para os demais, que retomavam sua vida, tudo se resumia em uma única definição: escala forçada no inferno.







Obra produzida com exclusividade para a  
Editora Jogo de Palavras, em agosto de 2018.